

# A SENSAÇÃO DE MEDO PELA CONTAMINAÇÃO DO NOVO CORONAVÍRUS: POSSIBILIDADES DE ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

*Melissa Teles Mezoni<sup>1</sup>, Aline Hikari Ynoue<sup>2</sup>*

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Psicologia, Campus de Maringá (PR), Universidade Cesumar – UNICESUMAR.  
Bolsista PIBIC/ICETI-UniCesumar. melissatmezoni@gmail.com

<sup>2</sup> Orientadora e Professora do Curso de Psicologia da UNICESUMAR, Maringá (PR). ynoue.aline@gmail.com

## RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo geral compreender a sensação de medo pela contaminação do novo coronavírus na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural apresentando possíveis potencialidades de trabalho do profissional da psicologia tendo em vista a compreensão do funcionamento do medo, face à pandemia da covid-19 que acometeu, e ainda acomete, a nossa sociedade atual. Desta maneira, foi utilizada uma metodologia bibliográfico-exploratória em um primeiro momento, e, posteriormente, uma pesquisa teórico explicativa. Por fim, uma análise conceitual da Psicologia Histórico-Cultural, relacionando com base em uma análise crítica dos materiais estudados, coletados por meio de base de dados científicos e biblioteca online. Buscou-se através desta pesquisa promover um olhar crítico acerca do medo gerado em torno do novo coronavírus (que se tornou um efeito colateral da pandemia), apresentando-o enquanto produto de ordem ontogenética e cultural e que, portanto, deve ser trabalhada no campo da psicologia sendo embasada com os meios culturais mais desenvolvidos atualmente, sendo assim, pela via da ciência. Por meio da análise teórica embasada em um método crítico de pesquisa, comprovou-se o desenvolvimento do psiquismo humano como produto de uma realidade histórica e social, salientando assim, a importância de se colocar luz sobre as diversas questões da mente humana que atualmente acometem grande parte da população mundial. É por meio dessa análise que compreendemos que a Psicologia terá amparo científico para poder ser instrumento de trabalho consciente para a lidar com a pandemia e dos efeitos psicológicos que essa realidade pandêmica causa, em especial, no âmbito do medo pela suscetibilidade humana.

**PALAVRAS-CHAVE:** covid-19; ontogênese; pandemia.

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar pelo prisma da Psicologia Histórico-Cultural uma das maiores pandemias dos últimos tempos e seus efeitos colaterais no psiquismo humano, sendo assim, o tema que norteou a pesquisa é a questão da sensação de medo da pela contaminação do novo coronavírus e as possibilidades de análise sob a perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural.

Nota-se que a pandemia do novo coronavírus é algo de ordem global, mas que impacta cada ser humano de forma individual. Essa compreensão individual se dá por conta das diferentes formas de apreensão da realidade, que são mediadas de acordo com as possibilidades de aquisição e a aquisição, de fato, dos conteúdos culturais. A respeito do assunto, é possível apontar as colocações de Oliveira (2005) quando a autora retrata o desenvolvimento do ser humano como produto da dialética das categorias singular-particular-universal.

Segundo a autora, a singularidade (ou seja, o indivíduo e sua personalidade) é construída na universalidade (de acordo com a realidade concreta, material e relacional da pessoa), e o que faz a pessoa interpretar tais conteúdos presentes na universalidade para que se torne em um conteúdo individual é a particularidade, que faz a mediação dessa relação universal-singular (OLIVEIRA, 2005).

O desenvolvimento humano, de acordo com a Psicologia Histórico-Cultural, vai superando as amarras biológicas (denominadas de funções psíquicas elementares) à medida que vai se apropriando dos processos culturais, produtos do desenvolvimento social (chamadas de funções psíquicas superiores), e, para tanto, faz-se necessária a análise dos

meios e mediações da apreensão da cultura, visto que isso afeta diretamente na construção do psiquismo.

As funções psíquicas superiores são formas supraorgânicas de conduta, caracterizada pelo uso de signos e ferramentas, que resultarão em comportamentos mais conscientemente planejados e controlados (MARTINS, 2011).

E, nessa direção, destaca-se a importância da linguagem para a apreensão destes signos, já que é por meio dela que os seres humanos conseguem se desenvolver, portanto, ela é fundamental para que haja mediação destes. Podemos caracterizar os signos como “estímulos-meio artificiais introduzidos pelo homem na situação psicológica que cumprem a função de autoestimulação, isto é, constituem meios para dominar a conduta (própria ou alheia)” (PASQUALINI, 2008, p. 8).

A respeito da mediação, podemos dizer que ela “[...] é interposição que provoca transformações, encerra intencionalidade socialmente construída e promove desenvolvimento, enfim, uma condição externa que, internalizada, potencializa o ato de trabalho, seja ele prático ou teórico” (MARTINS, 2011, p. 42). E por essa razão, a linguagem é essencial para esse processo, uma vez que se compreende que a linguagem é condição fundamental para que a criança aprenda, pois é com a comunicação que os seres humanos conseguem interpretar e se relacionar com a realidade para além de suas amarras biológicas, promovendo assim, um salto qualitativo nas relações sujeito-mundo (VYGOTSKY, 2005).

Agora, fazendo uma analogia com a realidade atual da pandemia do novo coronavírus: os signos seriam as palavras, a linguagem seria a utilização dessas palavras para a comunicação e a mediação das notícias a respeito desse vírus é feita através dos meios de comunicação atuais.

Nesse sentido, é possível afirmar que o desenvolvimento subjetivo e individual é decorrente da influência da mediação, pois é por meio desta que os conhecimentos culturalmente elaborados do gênero humano se tornam conteúdos possíveis de serem internalizados, tornando-se em conteúdos intrapsíquicos (PASQUALINI, 2008).

Além da mediação, outro fator fundamental para o desenvolvimento do psiquismo humano é o conteúdo apresentado nas mediações e a forma que esse conteúdo é passado. Voltando à temática da pesquisa, é possível perceber que por se tratar de um assunto de extrema urgência, uma pandemia, tal assunto gerou repercussões no mundo todo: o coronavírus tomou os meios de comunicação em massa, invadiu lares e todos os meios físicos, uma vez que gerou mudanças bruscas e drásticas na forma de vivenciar o cotidiano, refletindo assim, diretamente no psiquismo de todos os sujeitos. Por essa ótica, compreende-se que é imprescindível a análise da sensação e a compreensão do medo como produto do psiquismo humano que é desenvolvido por meio das mediações que agravam ou diminuem seu efeito nos homens.

Sendo assim, sensação e percepção são mecanismos que são atrelados um ao outro e nos auxiliam à compreensão da realidade a nossa volta, ainda que essa imagem seja, depois de decodificada, subjetivada (MARTINS, 2011). Essas afirmações são de grande importância para a análise, pois, em se tratando de uma sociedade globalizada, em que o alcance da informação está presente com muita facilidade, é possível notar que a percepção do mundo e a sensação que os seres humanos têm frente a ele mudam com grande frequência, o que exige grande esforço psíquico para lidar com os reflexos subjetivos que a realidade objetiva causa hoje em dia.

As funções psíquicas superiores são funções psicológicas presentes somente nos seres humanos, pois são provenientes do âmbito cultural, portanto, são necessariamente aprendidas por meio de um outro que apresenta e ensina tais conteúdos que não são colocadas naturalmente em um contexto. Destarte, podemos entender que a sensação de

medo pode ser desenvolvida e intensificada a depender da mediação que cada sujeito recebe e de como o conteúdo é abordado. Nas palavras de Bauman (2006),

[...] o medo é um sentimento conhecido de toda criatura viva. Os seres humanos compartilham essa experiência com os animais. (...) Os humanos, porém, conhecem algo mais além disso: uma espécie de medo de “segundo grau”, um medo, por assim dizer, social e culturalmente “reciclado”, ou (como Hughes Lagrange em seu fundamental estudo do medo) um “medo derivado” que orienta seu comportamento (tendo primeiramente reformado sua percepção do mundo e as expectativas que guiam suas escolhas comportamentais), quer haja ou não uma ameaça imediatamente presente. (BAUMAN, 2008, p. 9).

De acordo com Bauman (2008) o modelo de sociedade líquido-moderna que está presente atualmente tenta tornar a vida mais tolerável em relação ao medo, sendo responsável por silenciar os medos que não devem ser evitados. Prova disso são os bombardeios de informações sobre desastres, mortes e catástrofes que são a cada minuto superados por outro ainda pior. Não há tempo para digerir o que de fato acontece, mas é inevitável que estamos vivendo em um mundo assim.

Dessa maneira, ao mesmo tempo que vivemos em uma época em que a maioria das pautas dos noticiários são trágicas, criamos mecanismos para sobreviver em meio ao turbilhão de caos: “todos os dias, aprendemos que o inventário de perigos está longe de terminar: novos perigos são descobertos e anunciados quase diariamente, e não há como saber quantos mais, e de que tipo, conseguiram escapar à nossa atenção (e a dos peritos!) – preparando-se para atacar sem aviso” (BAUMAN, 2008, p.12). Sendo assim, é inquestionável a necessidade do estudo da psique humana frente a tantas demandas atuais resultantes dos possíveis efeitos colaterais causados pelo novo coronavírus, sendo estes efeitos de cunho psicológico.

Como explorado pelos autores citados nessa pesquisa, a hipótese que norteou este trabalho é de que o medo do desconhecido é algo puramente ontogenético e cultural. Uma vez que o medo inato, indispensável para sobrevivência se desenvolveu para o campo cultural, sendo apreendida de inúmeras formas diferentes do medo natural, agora pode-se considerar então que o medo do desconhecido e do invisível foi algo aprendido pela nossa sociedade ao longo do decorrer da história: “‘medo’ é o nome que damos a nossa incerteza: nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito – do que pode e do que não pode – para fazê-la parar ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além do nosso alcance” (BAUMAN, 2006, p.8).

Por fim, com base nessa compreensão e a partir da realização de 3 pesquisas bibliográficas sobre a covid-19 ao longo de 12 meses, para acompanhar de maneira mais eficaz e minuciosa os acontecimentos ao longo da pandemia até o presente momento.

Observando essa necessidade e urgência que esta pesquisa se embasa, buscou-se com a realização desta, responder ao seguinte problema de pesquisa: como podemos compreender a sensação de medo pela contaminação do novo coronavírus sob a perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural?

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO CORONAVÍRUS**

O primeiro alerta em relação à Covid-19 foi em 31 de dezembro de 2019, quando a OMS foi alertada sobre inúmeros casos de pneumonia na cidade de Wuhan, na China. Uma semana após o alerta, as autoridades chinesas confirmaram encontrar um novo tipo de coronavírus. Vale destacar que coronavírus são facilmente encontrados na natureza e são

a segunda maior causa de resfriado comum, perdendo só para o rinovírus, e algumas décadas atrás quase não afetavam humanos (BUSS, ALCAZAR, GALVÃO, 2020).

Após o surto inicial na China, no dia 30 de janeiro de 2020, Tedros Adhanom, diretor-geral da OMS declarou Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) em relação à Covid-19. Posteriormente, em março de 2020, a OMS declara a Covid-19 como uma pandemia (BUSS, ALCAZAR, GALVÃO, 2020).

Pode-se analisar que a Covid-19 apareceu como doença esporádica, instalou-se em uma determinada área geográfica, caracterizando-se assim como uma endemia. Quando a prevalência se eleva de maneira explosiva, apresentando característica de processo massivo, concentrado no tempo e espaço, passa a ser uma epidemia. Desta forma pode-se compreender que doenças sofrem um processo endemo-epidêmico. O próximo nível é o de pandemia, e é considerada quando há limite de tempo, mas não de espaço, podendo atingir áreas enormes, expandindo para cidades, estados, países, continentes, inclusive, o mundo todo. O que é o caso da COVID-19 (CARVALHEIRO, 2020).

De acordo com Carvalho (2020) a princípio, quando ainda não havia vacinas, muito menos os instrumentos usuais de proteção específica, caracterizados como prevenção primária, assim como os instrumentos de diagnóstico precoce e tratamento oportuno, que seriam a prevenção secundária, a única solução possível era a de achatar as curvas de contágio, dessa forma, as estratégias adotadas foram o distanciamento social e uso de máscaras e álcool em gel, em outras palavras, procedimentos de promoção de saúde, com a ideia de abrandar a evolução da contaminação, através da mudança de comportamento das pessoas.

No início, restringir rigorosamente a maior parte das atividades da população (*lockdown*, também chamada de estratégia horizontal) foi uma grande estratégia para controlar a pandemia. Manter apenas serviços essenciais funcionando a princípio, com a capacidade de funcionários e clientes reduzida, e depois ir “afrouxando” essa restrição faz com que pequenos surtos da Covid-19 vão criando imunidade na população. Esse não é o cenário perfeito para os sanitaristas, porém, necessário para os economistas (CARVALHEIRO, 2020).

A pandemia de Covid-19 trouxe uma crise humanitária e sanitária para o mundo, ampliando as tensões da organização social da atualidade: economia globalizada, porém politicamente enfraquecida, digitalmente conectada, mas precária de informações reais, prestes a sofrer um colapso ambiental, e carente de projetos políticos e sociais. Ela forçadamente nos colocou diante de um espelho que revelou todos os defeitos vivenciados pela sociedade atual, mas que sequer notávamos (LIMA, BUSS, PAES-SOUSA, 2020).

Desta forma, ela revelou que o mundo está muito mais vulnerável à pandemias e disseminação global de novas doenças e até das já conhecidas. O modelo de economia atual, interconectado, permitiu a grande circulação de pessoas e mercadorias, bem como a utilização e conseqüentemente, escassez de recursos naturais, e promoveu mudanças sociais que propiciam o avanço de doenças infecciosas, por exemplo: a superlotação de populações pobres em determinada área, com acesso precário à saneamento básico (LIMA, BUSS, PAES-SOUSA, 2020).

De acordo com Seixas et. al. (2021), devido à alta velocidade de progressão do vírus, a pandemia desencadeou um grande esforço mundial para interromper sua propagação, pressionando os sistemas de saúde de todos os países atingidos, e conseqüentemente impactando os sistemas econômicos.

Tal pressão é uma decorrência das características específicas dessa epidemia: as elevadas taxas de transmissão da doença, em grande parte por pessoas assintomáticas – cada pessoa contaminava, antes da adoção de medidas de distanciamento social no Brasil, uma média de três a quatro pessoas -, levando ao aumento exponencial de casos; a gravidade de uma expressiva parcela de casos,

com demanda de hospitalização para cerca de 19% dos sintomáticos, sendo que ¼ deles necessitava de internação em Unidade de Terapia Intensiva (UTI) e uso de ventilação mecânica, além de um tempo prolongado de ocupação de leitos hospitalares. (SEIXAS et al, 2021, p. 2).

Segundo a OMS, os sintomas iniciais da doença lembram uma gripe comum, variando de pessoa para pessoa, podendo se manifestar em forma de pneumonia mais branda, pneumonia grave e SRAG (síndrome respiratória aguda grave). A maior parte da população infectada apresenta forma leve da doença, tendo alguns sintomas como mal-estar, dor de cabeça, coriza, febre, fadiga, anorexia, tosse, dispneia leve (dificuldade para respirar), dor no corpo, congestão nasal, diarreia, náusea e vômito. Casos de idosos e imunossuprimidos podem agravar rapidamente, eventualmente ocasionando morte, principalmente nos idosos e indivíduos com comorbidades preexistentes. Como sintomas menos comuns há também a anosmia (perda do olfato), hiposmia (diminuição do olfato) e ageusia (perda do sentido do paladar).

No início, houve grande impacto causado pelo isolamento social, uma vez que essa medida não fazia parte da realidade do mundo atual, extremamente conectado e interligado. Obviamente que o *lockdown* não impactou apenas o âmbito psicológico, mas também o econômico, o social, a educação, entre outros. Porém, com o passar do tempo a grande maioria da população brasileira foi afrouxando as medidas de isolamento social, uma vez que o vírus já não fazia parte da realidade de muitos.

De acordo com uma pesquisa realizada por Bezerra et. al. (2020) com 16.440 indivíduos, publicada junho de 2020, 32% do universo amostrado afirmaram que estavam em isolamento total e 57% das pessoas estavam em isolamento parcial, que na pesquisa em questão significava sair de casa apenas para comprar alimentos e/ou medicamentos e 11% das pessoas não se enquadravam nem como isoladas e nem como parcialmente isoladas (BEZERRA et. al., 2020).

Desde o início da pandemia, as expectativas para a criação de vacinas que combatessem o novo coronavírus eram muito altas, dessa forma, o clamor social pela vacina ao longo do último ano mobilizou “a OMS, governos, cientistas, indústrias farmacêuticas e instituições não governamentais, levando mais de 40 países a um movimento sem precedentes de arrecadação de fundos para o desenvolvimento e produção de uma vacina que seja disponibilizada como um bem público global” (HOSANGADI et al. 2020, apud. COUTO, BARBIERI, MATOS, 2021, p. 3).

Por fim, o início de 2021 foi marcado pelo começo da vacinação contra a covid-19 ao logo do mundo e ainda vem sendo realizada no Brasil.

## 2.2 O CONCEITO DE MEDO E A RELAÇÃO COM AS FUNÇÕES PSÍQUICAS SUPERIORES

O primeiro estágio do desenvolvimento humano é caracterizado pela preparação biológica do homem, onde ainda dominavam as leis da biologia. O segundo estágio é designado de passagem ao homem. “Este estágio é marcado pelo início da fabricação de instrumentos e pelas primeiras formas, ainda embrionárias, de trabalho e sociedade. A formação do homem estava ainda submetida, nesse estágio, às leis biológicas” (LEONTIEV, 2004, p. 280).

Decorrentes da influência do desenvolvimento do trabalho e da comunicação pela linguagem que ele promovia, modificações de ordem anatômica no cérebro, mãos, órgãos dos sentidos e nos órgãos de linguagem começam a surgir, desta forma o desenvolvimento biológico tornava-se dependente do desenvolvimento produtivo do homem (LEONTIEV, 2004).

Há ainda um terceiro estágio, no qual aparece o *Homo sapiens*, a espécie do homem atual. É o momento no qual o homem se liberta da dependência das leis biológicas que são transmitidas lentamente por hereditariedade. Neste estágio apenas as leis sócio-históricas regem a evolução do homem. “A passagem do homem a uma vida em que sua cultura é cada vez mais elevada não exige mudanças biológicas hereditárias” (LEONTIEV, 2004, p. 281).

Por meio do trabalho a realidade é mudada e os produtos (materiais, intelectuais e ideais) são desenvolvidos. Dessa forma, cada geração nasce em um mundo cercado de objetos e fenômenos criados pelas gerações anteriores. Para o autor, o mundo, a indústria, as ciências e a arte são expressões da história real humana, são saldos da transformação histórica dela. Mas fica a pergunta: como se dá o processo de apropriação deste mundo? Para exemplificar, o autor utiliza o exemplo do instrumento, sendo este

[...] produto da cultura material que leva em si, [...], os traços característicos da criação humana. [...] O instrumento é ao mesmo tempo um objeto social na qual estão incorporadas e fixadas as operações de trabalho historicamente elaboradas (LEONTIEV, 2004, p. 287).

Pode-se entender como instrumentos da atualidade os meios de comunicação como rádio, televisão, internet, que a propósito, são poderosos para propagar informações e alterar a realidade direta ou indiretamente. Porém, as aquisições do desenvolvimento histórico das aptidões humanas não são “herdadas” ou dadas, mas sim, postas. Para se apropriar delas, tornando-as suas aptidões, o indivíduo deve entrar em contato com os fenômenos do mundo ao seu redor por meio de outros homens, através de um processo de comunicação e aprendizagem entre eles.

Assim, “a aquisição da linguagem não é outra coisa senão o processo de apropriação das operações de palavras que são fixadas historicamente nas suas significações” (LEONTIEV, 2004, p. 288). Dessa forma, o indivíduo aprende a atividade adequada. Levando em consideração a sua função, esse processo é chamado de educação. De acordo com o autor, o movimento da história só é possível de ser adquirido através da aquisição de cultura humana transmitida, ou seja, da educação.

Deste modo, o desenvolvimento da imagem psíquica tem origem na complexificação estrutural dos organismos através das atividades que a condiciona, residindo então a materialidade da própria consciência. “A consciência não pode ser identificada exclusivamente com o mundo das vivências internas, mas apreendida como ato psíquico experienciado pelo indivíduo e, ao mesmo tempo, expressão de suas relações com os outros homens e com o mundo” (MARTINS, 2011, p. 28).

Para Leontiev (1978a, apud MARTINS, 2011), o psiquismo existe em duas formas, sendo a primeira uma forma mais primária e objetiva da existência, manifestada na atividade, e a segunda forma, mais subjetiva, é manifestada na construção da ideia, como consciência. Desta forma, a atividade e consciência são as categorias centrais no estudo do psiquismo para a teoria histórico-cultural. “Afirmar unidade entre atividade e consciência implica conceber o psiquismo humano como um processo no qual a atividade condiciona a formação da consciência e esta, por sua vez, a regula” (MARTINS, 2011, p. 28).

A atividade individual, externa e interna, e atividade social (ou coletiva) são indissolúveis, sendo a dinâmica de internalização um processo de transformação dos processos intersíquicos em processos intrapsíquicos. Sendo a internalização ocasionada pela apropriação de signos, estes por sua vez são os mediadores semióticos da relação homem e cultura humana, formando os constituintes centrais do desenvolvimento psíquico (MARTINS, 2011).

Dessa forma, pode-se entender que as possibilidades, propriedades e limites de cada indivíduo não resultam de uma experiência individual, mas de assimilações de

experiências de gerações passadas, que se realizam ou não em sua experiência. As formas de existência social criam as formas de funcionamento psíquico, ou seja, o cerne da compreensão o psiquismo humano sustenta-se na relação homem-sociedade, uma vez que suas características morfofisiológicas, por si mesmas, não são capazes de equipá-lo para a vida em sociedade (MARTINS, 2011).

Para Vigotski (1995, apud MARTINS, 2011) o ato instrumental, ou seja, mediado por signos, “tornou incontestável a natureza social do psiquismo humano e de seu desenvolvimento, apontando-os como decorrência da qualidade da relação entre os homens e seu mundo físico e social” (MARTINS, 2011, p. 44). Por essa perspectiva, ao analisar o medo mediado por signos, ou seja, o medo cultural, podemos compreender que assim como os demais atos instrumentais, a sensação de medo pode variar ou não de acordo com a internalização de signos (e a qualidade desses signos) de cada indivíduo.

Ao abordar sobre o medo, o autor Bauman (2008) revela sua teoria de que os humanos conhecem “uma espécie de medo de “segundo grau”, um medo, por assim dizer, social e culturalmente reciclado, ou (...) um ‘medo derivado’ que orienta seu comportamento, quer haja ou não uma ameaça imediatamente presente” (BAUMAN, 2008, p. 9).

Para a psicologia histórico-cultural, que tem como seu principal autor o psicólogo russo L.S. Vigotski, cada pessoa é reflexo, em maior ou menor grau, da classe social na qual está inserido, uma vez que ela (a classe) reflete a totalidade das relações sociais, dessa forma, cada ser humano está imerso em uma determinada forma de organização da vida caracterizada pelas práticas sociais, modos de ser, valores, ou seja, nos signos que caracterizam a cultura na qual o indivíduo está inserido (ZANELLA, 2004).

Sendo assim, pode-se entender o medo derivado citado por Bauman (2008) como sendo algo herdado de outras gerações, uma vez que “cada geração começa a sua vida em um mundo constituído de significados e de objetos pelas gerações anteriores” (AITA; FACCI, 2011, p. 35).

Ainda de acordo com a psicologia histórico-cultural, a única forma do indivíduo se tornar homem (sujeito) é incorporando em sua própria subjetividade, formas de comportamento e ideias criadas por gerações passadas e retrabalhadas por ele e pelas pessoas do seu convívio (AITA; FACCI, 2011, p. 37).

Os perigos dos quais se tem medo, segundo Bauman (2008) podem ser de três tipos: os que ameaçam o corpo e as propriedades, os que são de natureza mais geral, que apresentam ameaça à durabilidade da ordem social e a credibilidade nela, ou de sobrevivência no caso de invalidez ou velhice, e por fim, os perigos que ameaçam o lugar da pessoa no mundo.

Inúmeros estudos mostram que “nas consciências dos sofredores, o “medo derivado” é facilmente “desacoplado” dos perigos que o causam” (BAUMAN, 2008, p. 10). Neste caso, as pessoas afligidas com o sentimento de insegurança e vulnerabilidade são capazes de interpretá-lo com base em qualquer um dos três tipos de perigos, independentemente da relação entre causa e efeito.

Bauman (2008) defende que a civilização é vulnerável e sempre está à beira do abismo. Citando Stephen Graham, o autor diz que a civilização é dependente de sistemas complexos e distantes para sustentar a vida, e dessa forma, pequenas discontinuidades ou mesmo inaptidões são capazes de produzir enormes efeitos em série sobre a vida social, econômica e ambiental, principalmente nas cidades, “não há necessidade de uma grande catástrofe, já que um pequeno acidente pode desencadear uma “desarticulação em grande escala” (BAUMAN, 2008, p. 28).

Para ele, nossos medos, muitas vezes coletivos, são enfrentados individualmente: “aqueles que assombram as multidões podem ser surpreendentemente semelhantes em cada caso singular, mas se presume que sejam enfrentados individualmente, por cada um

de nós, usando nossos próprios – e, na maioria dos casos, dolorosamente inadequados – recursos” (BAUMAN, 2008, p. 32). Neste caso, é preciso entender o conceito de subjetividade para a compreensão de como o medo se manifesta como fenômeno em cada indivíduo.

A gênese da subjetividade se dá conforme o sujeito se apropria das relações sociais. [...] A subjetividade se constitui conforme o sujeito internaliza, subjetiva, as relações sociais que são externas a ele, num processo dialético entre o interno e o externo (AITA; FACCI, 2011, p. 44).

Bauman (2008) ainda defende que não está claro o que nossa defesa ganharia se os recursos e esforços fossem coletivos para encontrar maneiras de garantir as mesmas oportunidades de segurança em relação ao medo, dessa forma, ele diz que as condições da sociedade individualizada que conhecemos atualmente são hostis à ação solidária. “A sociedade individualizada caracteriza-se pelo afrouxamento dos laços sociais, esse alicerce da ação solidária. Também é notável por sua resistência a uma solidariedade que poderia tornar esses laços duráveis – e seguros” (BAUMAN 2008, p. 32).

### 2.3 OS (POSSÍVEIS) EFEITOS PSICOLÓGICOS CAUSADOS PELA CONTAMINAÇÃO DO CORONAVÍRUS

Diversas pesquisas têm mostrado que pacientes com COVID-19 apresentam sintomas de ansiedade (incluindo transtorno de estresse pós-traumático), depressão e insônia.

Uma meta-análise obtida de dados de estudos que estimam a incidência de transtornos psiquiátricos depois de síndromes respiratórias agudas graves (SARS) e síndrome respiratória do Médio Oriente sugerem que a infecção pelo coronavírus pode desenvolver delírio, ansiedade, depressão, sintomas maníacos, falha na memória e insônia (TAQUET et. al., 2021, p. 130).

O diagnóstico mais frequente após a pessoa contrair o coronavírus é o transtorno de ansiedade, mas transtorno de ansiedade generalizada, e com um uma menor extensão o transtorno de estresse pós-traumático são mais frequentes e episódios de depressão são os sintomas mais comuns de transtorno de humor.

A probabilidade de um primeiro episódio de insônia entre os 14 e 90 dias após o diagnóstico da COVID-19 foi de 1,9%, mais comum do que após episódios com doenças controláveis. “Em outras palavras, ter qualquer evento de saúde depois (vs antes) de 1º de Abril de 2020 levou a uma taxa maior de sequelas psiquiátricas, mas essa taxa foi ainda maior após ter COVID-19” (TAQUET et. al., 2021, p. 138).

Para Ortiz et. al. (2020), a grande maioria das pessoas está exposta a situações estressantes sem precedentes na atual situação de confinamento mundial devido à pandemia de COVID-19. Além de poder afetar os níveis de estresse, ansiedade e depressão, o sono também é um fator que pode sofrer os efeitos do confinamento. Este último, é um importante regulador das emoções, sendo assim, padrões de sono alterados podem impactar diretamente no desempenho emocional do indivíduo.

Em circunstâncias normais, pessoas em isolamento social, com mobilidade restrita e pouco contato com outros indivíduos, estão propensas a desenvolver complicações psiquiátricas que variam de sintomas isolados a transtornos mentais evidentes, como insônia, ansiedade, depressão e transtorno de estresse pós-traumático (TEPT). No contexto de uma pandemia, é importante levar em consideração a perda de funcionalidade associada à doença adquirida que pode se traduzir em um sentimento de desânimo e desamparo, levando até mesmo a um estado de luto. Por outro lado, as pessoas sob o estresse do surto podem apresentar acentuada ansiedade e declínio significativo na função social ou ocupacional, resultando em transtornos de adaptação e, no caso de persistência do humor triste,



em transtorno de depressão maior (TDM). Além disso, a proximidade de eventos que ameaçam a vida e a sobrevivência, como é o caso da própria doença, pode desencadear o desenvolvimento de transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), tanto que tem sido sugerido que o efeito combinado de perda e ameaça pode explicar a frequente ocorrência concomitante de TEPT e depressão (ORTIZ et. al., 2020, p. 2).

Além dos sintomas psicológicos, há também os físicos e orgânicos que são apresentados por pacientes sintomáticos, isso porque também há os pacientes assintomáticos, ou seja, que não apresentam sinais clínicos da doença.

Apesar de uma grande parcela de pessoas ser hospitalizada e um número assustador de óbitos nunca visto anteriormente pela maioria da população atual, maior ainda é o número de pessoas que apresentam apenas sintomas leves e sobrevivem à doença. Justamente por não ter uma previsibilidade, ficar suscetível a todas essas circunstâncias mencionadas acima aumenta o medo coletivo, porém, o excesso de medidas individuais e a falta do olhar coletivo ocasionou em diversas internações e óbitos que poderiam ter sido evitados.

## 2.4 AS POSSIBILIDADES DE ANÁLISE E POTENCIALIDADES DE TRABALHO DO PSICÓLOGO TENDO EM VISTA A COMPREENSÃO DO FUNCIONAMENTO DO MEDO

Além dos danos físicos, a pandemia da Covid-19 trouxe também, como visto neste trabalho, danos psicológicos que grande parte da população jamais havia enfrentado até então. Sendo assim, não se pode negligenciar os cuidados mentais que são necessários para momentos como este, e desta forma, o trabalho da Psicologia nunca foi tão necessário.

De acordo com o Conselho Federal de Psicologia, “o psicólogo, dentro de suas especificidades profissionais, atua no âmbito da educação, saúde, lazer, trabalho, segurança, justiça, comunidades e comunicação com o objetivo de promover, em seu trabalho, o respeito à dignidade e integridade do ser humano” (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1992, p. 1). Dessa forma, o papel do psicólogo no que diz respeito aos danos psicológicos, mentais e emocionais causados pela pandemia da COVID-19 é indiscutível, uma vez que o homem, como visto neste trabalho, é um ser ontogenético, ou seja, um sujeito cultural, é necessário disponibilizar mediações capacitadas aos sujeitos, tendo em vista o funcionamento do medo cultural.

De acordo com Schmdit et. al. (2020), algumas intervenções que são possíveis de serem aplicadas na população geral são as propostas psicoeducativas, como cartilhas, materiais informativos, oferta de canais de escuta psicológica por meio de ligações ou plataformas online, atendimento psicológico online ou quando necessários, presenciais.

Ornell et. al. (2020) afirma que os primeiros socorros psicológicos são essenciais ao atendimento às populações vítimas de emergências e desastres, contudo, não há protocolos ou diretrizes universais eficazes para tais práticas. Um questionamento levantado pelos autores é de que o Brasil é um país em desenvolvimento que apresenta uma evidente desigualdade social, baixa escolaridade e cultura humanitária-cooperativa, não existindo parâmetros capazes de estipular o impacto desse fenômeno na saúde mental da população, sendo assim, como será possível implementar ações preventivas, bem como emergenciais, voltadas à saúde mental nas diversas esferas sociais?

Xiang et. al. (2020) aponta que alguns métodos usados no surto da SARS podem ser úteis nos cuidados do COVID-19. Primeiro, equipes multidisciplinares de saúde mental (incluindo psiquiatras, psicólogos e outros profissionais de saúde mental) para fornecer apoio mental à pacientes e profissionais de saúde. Segundo, comunicação clara e

atualizada sobre o surto de COVID-19 com pacientes e profissionais da área da saúde. Terceiro, estabelecimento de serviços seguros para aconselhamento psicológico (como o uso de dispositivos tecnológicos, por exemplo). E por fim, exames clínicos regulares e tratamentos psiquiátricos para depressão, ansiedade e suicídio para profissionais de saúde da linha de frente do COVID-19 e pacientes afetados pelo vírus.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto ao longo deste artigo, de acordo com a Psicologia Histórico-Cultural, o desenvolvimento humano é caracterizado por ser um processo histórico e social, uma vez que tudo que tem de humano no homem é produto de uma vida em sociedade e suas produções culturais, justamente por isso, pode-se entender o medo derivado, denominado assim por Bauman (2008), como uma herança passada de geração em geração, da qual não é possível renunciar.

Dessa forma, podemos compreender a sensação de medo pela contaminação do novo coronavírus sob a perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural quando se entende que as aquisições do desenvolvimento histórico das aptidões humanas não são “herdadas” ou dadas, mas sim, postas. Para se apropriar delas, tornando-as suas aptidões, o indivíduo deve entrar em contato com os fenômenos do mundo ao seu redor por meio de outros homens, através de um processo de comunicação entre eles. Dessa forma, o indivíduo aprende a atividade adequada. Levando em consideração a sua função, esse processo é chamado de educação (LEONTIEV, 2004).

Neste caso, a importância da apropriação dos produtos do gênero humano, como a ciência, os estudos e comprovações científicas como possibilidades de ferramentas para o trabalho de conscientização e entendimento do cenário em que está inserido é fundamental. Porém, deve-se levar em consideração que o Brasil é um país de extrema desigualdade social e conseqüentemente educacional e cultural, sendo assim, muitas vezes a via de informação da grande maioria da população são as *fake news*, sem nenhuma verificação dos fatos.

Entendendo que o indivíduo, sendo um ser social, sofre influência do meio em que vive, a Psicologia Histórico-Cultural visa entender como a sociedade em que o homem está inserido impacta na saúde psicológica dele.

Dessa forma, podemos compreender que o medo coletivo do novo coronavírus foi permeado por questões fisiológicas, inerentes a doença, mas também por questões culturais fruto da sociedade atual, em que há um acesso instantâneo a notícias e pouca verificação dos fatos.

### REFERÊNCIAS

AITA, Elis Bertozzi; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. Subjetividade: uma análise pautada na Psicologia histórico-cultural. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 32-47, abr. 2011. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682011000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682011000100005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 10 Jun. 2021.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BEZERRA, Anselmo César Vasconcelos et al. Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. **Ciência & Saúde**

**Coletiva [online]**. v. 25. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10792020>>. Acesso em: 25 Jul. 2021.

BUSS, Paulo M.; ALCAZAR, Santiago; GALVÃO, Luiz Augusto. Pandemia pela Covid-19 e multilateralismo: reflexões a meio do caminho. **Estud. av.**, São Paulo, v. 34, n. 99, p. 45-64, Aug. 2020. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142020000200045&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142020000200045&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 28 Mar. 2021.

CARVALHEIRO, José da Rocha. Os coletivos da Covid-19. **Estud. av.**, São Paulo, v. 34, n. 99, p. 7-24, Aug. 2020. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142020000200007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142020000200007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 28 Mar. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Atribuições Profissionais do Psicólogo no Brasil**. 1992. Disponível em: <[https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/atr\\_prof\\_psicologo.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/atr_prof_psicologo.pdf)>. Acesso em: 18 de Jul. 2021.

COUTO, Marcia Thereza; BARBIERI, Carolina Luisa Alves; MATOS, Camila Carvalho de Souza Amorim. Considerações sobre o impacto da covid-19 na relação indivíduo-sociedade: da hesitação vacinal ao clamor por uma vacina. **Saúde e Sociedade [online]**. v. 30, n. 1. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200450>>. Acesso em: 14 Jul. 2021.

LEONTIEV, Alexis. **O Desenvolvimento do Psiquismo**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. 2 ed. São Paulo: Centauro, 2004.

LIMA, Nísia Trindade; BUSS, Paulo Marchiori; PAES-SOUSA, Rômulo. A pandemia de COVID-19: uma crise sanitária e humanitária. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 7, e00177020, Jul. 2020. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2020000700503&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2020000700503&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 28 Mar. 2021.

MARTINS, Lígia Márcia. **O DESENVOLVIMENTO DO PSIQUISMO E A EDUCAÇÃO ESCOLAR: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica**. Bauru: Universidade Estadual Paulista, 2011. Cap. 1.

OLIVEIRA, B. A dialética do singular-particular-universal. In: ABRANTES, A. A.; SILVA, N. R.; MARTINS, S. T. F. **Método histórico-social na psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

ORNELL, Felipe et. al. **“Pandemic fear” and COVID-19: mental health burden and strategies**. **Braz J Psychiatry**. 2020; 42 (3); 232-235. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1516-4446-2020-0008>>. Acesso em: 18 Jul. 2021.

PASQUALINI, J. C. Desenvolvimento infantil e ensino: a análise histórico-cultural de Vigotski, Leontiev e Elkonin. **Anais da 31ª Reunião Anual da ANPED**. Caxambu, 2008. Disponível em: <<http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GT20-4173--Int.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2020.

RAMIREZ-ORTIZ, Jairo et al. Mental health consequences of the COVID-19 pandemic associated with social isolation. **Rev. colomb. anesthesiol.**, Bogotá, v. 48, n. 4, e301, Dez. 2020. Disponível em: <[http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0120-33472020000400301&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-33472020000400301&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 26 Fev. 2021.

SEIXAS, Clarissa Terenzi et al. A crise como potência: os cuidados de proximidade e a epidemia pela Covid-19. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 25, supl. 1, e200379, Nov. 2020. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832021000200200&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832021000200200&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 05 Fev. 2021.

SCHMIDT, Beatriz et al. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). **Estudos de Psicologia (Campinas) [online]**. 2020, v. 37. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200063>>. Acessado em: 18 Jul. 2021.

TAQUET, Maxine et al. Bidirectional associations between COVID-19 and psychiatric disorder: retrospective cohort studies of 62 354 COVID-19 cases in the USA. **Lancet Psychiatry**. Vol. 8,2, p. 130-140, Jan. 2021. Disponível em: <[https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(20\)30462-4](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(20)30462-4)>. Acesso em: 21 Fev. 2021.

ZANELLA, Andréa Vieira. Atividade, significação e constituição do sujeito: considerações à luz da Psicologia Histórico-Cultural. **Psicologia em Estudo [online]**. Jul. 2004, v. 9, n. 1, pp. 127-135. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-73722004000100016>>. Acessado em: 10 Jun. 2021.

VYGOTSKY, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: LEONTIEV, A. et al. **Psicologia e Pedagogia: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento**. São Paulo: Centauro, 2005.

XIANG, Yu-Tao et. al. Timely mental health care for the 2019 novel coronavirus outbreak is urgently needed. **Lancet Psychiatry**. 2020;7(3):228-229. Disponível em: <[https://www.thelancet.com/journals/lanpsy/article/PIIS2215-0366\(20\)30046-8/fulltext#articleInformation](https://www.thelancet.com/journals/lanpsy/article/PIIS2215-0366(20)30046-8/fulltext#articleInformation)>. Acesso em: 18 Jul. 2021.